

ID: 53557579

22-04-2014

JOÃO RAFAEL KOEHLER, PRESIDENTE DA ANJE

# “Start-ups deviam estar isentas de imposto durante dois anos”

Para o novo presidente da Associação Nacional de Jovens Empresários o pagamento especial por conta está a “matar muitas empresas” à nascença

MARIA JOÃO BABO  
mbabo@negocios.pt

Para João Rafael Koehler, os fundos comunitários que Portugal vai receber até 2020 devem ser investidos em sectores da economia que impliquem competitividade. “Portugal já está bem servido de infra-estruturas”, sustenta.

**O Governo anunciou, no âmbito do Acordo de Parceria, que a prioridade dos fundos europeus para 2014-2020 é a competitividade das empresas. Esse é o grande défice do país?**

Seguramente que sim. O que faz sentido é que os fundos comunitários a que podemos aceder sejam directamente investidos em sectores da economia que impliquem competitividade. Nós estamos em competição com todos os outros mercados. Somos absolutamente contra mais investimento em infra-estruturas, em cimento. Queremos investimentos que possam reproduzir-se ao longo do tempo.

**Está contra o plano do Governo de avançar com 59 projectos prioritários de infra-estruturas?**

Julgo que Portugal já está bem servido de infra-estruturas. Na ANJE defendemos como objectivo do país aumentar o espectro de empresas que são exportadoras. As empresas, sendo exportadoras, estão num ambiente mais competitivo, mais exigente, que as faz evoluir e as torna melhores. Nós temos vários sectores em Portugal que deram provas de muito dinamismo, que souberam combater as adversidades e contrariedades, mas têm de ser encorajados a serem ainda mais [dinâmicos].

**Como?**

Quando falamos em investir em competitividade não se trata só de as empresas terem taxas de imposto mais atractivas, o regime laboral ser mais flexível ou haver um incentivo à captação de talentos estran-

**Somos absolutamente contra mais investimento em infra-estruturas.**

**Há mais empresas a exportar e empresas a exportar mais.**

geiros para Portugal. É importante que tudo trabalhe em rede. É importante que o conhecimento que as universidades geram, muitas delas pagas com o erário público, seja transportado para as empresas. Não faz sentido que as universidades criem conhecimento, invistam em pessoas e que essas pessoas fiquem a vida toda nas universidades. O conhecimento tem de se traduzir em novos produtos, em ideias de negócio que se possam transformar em novas empresas que possam ter sucesso. Isso deve ser imposto por decreto.

**Há mais empresas portuguesas a exportar?**

Sentimos isso. Há mais empresas a exportar e empresas a exportar mais. Já entenderam que têm de exportar.

**Quais são hoje os grandes obstáculos para as empresas?**

Os pagamentos por conta são um grande obstáculo a quem hoje inicia uma empresa. É um imposto que incide sobre um lucro presumido, de pagamento obrigatório e de restituição muito dificultada. Há muita gente que começa microem-

presas e acaba por fechar por ter processos nas finanças por não ter conseguido fazer esses pagamentos por conta.

**Compreende que uma descida de impostos não seja tão rápida como desejava?**

O quadro fiscal em Portugal é suficientemente atractivo para termos mais investimento estrangeiro. Para o investimento estrangeiro é muito mais decisivo ultrapassar todas as barreiras administrativas que são por vezes colocadas pelas CCDR [Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional], pelas confusões de competências e atribuições entre ministérios e institutos, do que a carga fiscal. Obviamente que era desejável que houvesse um quadro fiscal que fosse mais estimulador da criação de empresas. Para start-ups de jovens devia haver um quadro fiscal favorável.

**A que chamaria um quadro fiscal favorável?**

Quem inicia uma empresa, uma start-up, deveria ter uma isenção de pagamento de imposto durante os dois primeiros anos. Para os jovens que estão a criar o seu negócio, nos primeiros anos, não serem demasiado onerados e não serem desencorajados a abrirem o seu negócio. O pagamento especial por conta teve o objectivo de evitar a fuga ao fisco de pequenas empresas, mas criou um efeito perverso que foi matar muitas empresas que estão a começar.

**Os empresários estão preparados para que a austeridade se prolongue por mais anos?**

Os empresários e os portugueses contribuintes já fizeram tudo o que podiam fazer porque os impostos aumentaram brutalmente. Queremos ver do lado da despesa pública uma real contracção. O Governo tem sido reformador, mas queremos ver resultados.



## “Capital de risco da ANJE será uma realidade em 2015”

À associação recorrem cada vez mais jovens com ideias de negócio. O financiamento “está a melhorar”

**Como é que jovens empresários tem estado a viver esta crise? Há espaço para o empreendedorismo?**

Há sinais contrários. Por um lado vivemos um tempo difícil para os jovens porque a taxa de desemprego jovem é elevadíssima. Por outro lado, devido à globalização, os jovens estão muito mais abertos a outro tipo de experiências. Estamos a falar de um empreendedorismo por necessidade. Nunca houve tantos desafios nem tantas oportunidades como há hoje. Não acho negativo que muitos jovens vão para o estrangeiro adquirir experiências de trabalho. Queremos é que os que são melhores depois possam regres-

sar e desenvolver a sua actividade com sucesso em Portugal.

**Também há jovens empresários a emigrar?**

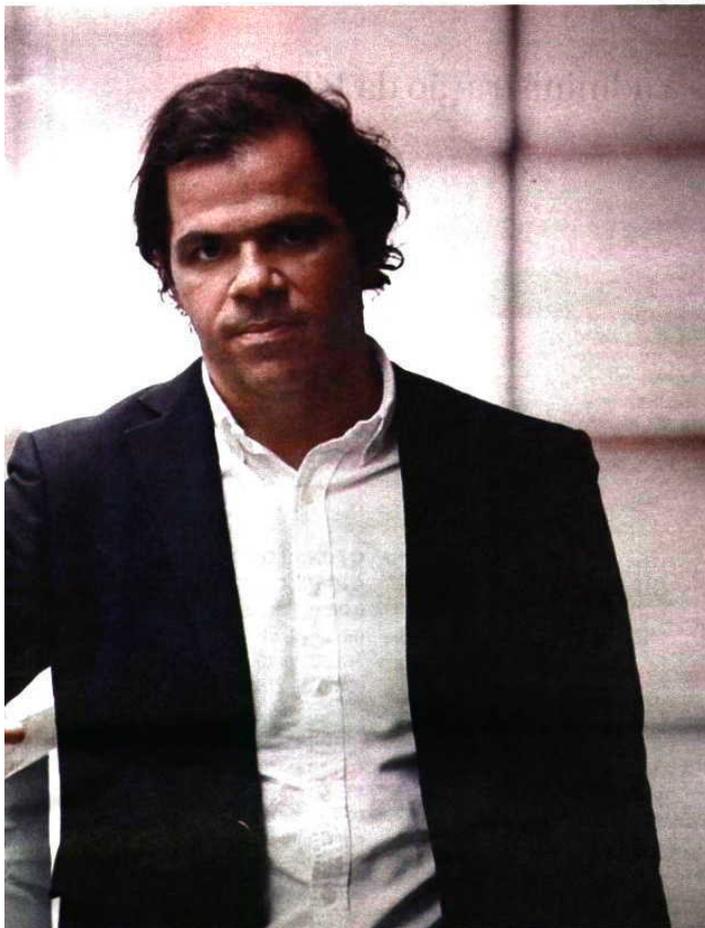
Há jovens empresários a emigrar. Alguns emigraram porque têm condições mais interessantes noutros países, nomeadamente do ponto de vista fiscal. Portugal perde talentos se outros países tiverem um ecossistema mais interessante.

**Que apoio pode dar a ANJE ao empreendedorismo em Portugal?**

Temos uma equipa que dá apoio a todos os jovens que querem constituir uma empresa. A loja do em-



Bruno Simão



## PERFIL

UMA NOVA LIDERANÇA COM QUATRO DESAFIOS DEFINIDOS

João Rafael Koehler é administrador executivo da Colquímica, empresa familiar de colas fundada em 1953 que exporta 90% da produção e está presente em 45 países. Licenciado em Direito pela Universidade Católica do Porto, o gestor, eleito presidente da Associação Nacional de Jovens Empresários em 2013, efectuou também uma pós-graduação e um mestrado em Relações Internacionais. Para o mandato de três anos tem quatro desafios: reforçar o universo de associados, apoiar de forma mais abrangente o acesso à actividade empresarial, criar condições para o aprofundamento da internacionalização e promover novas fontes de financiamento.

preendedor, onde os jovens vão colocar questões e apresentar as suas ideias de negócios, tem uma lista de espera de 40, 45 dias porque são muitas as solicitações. O apoio é o mais variado, muitas vezes é apoio jurídico, outras vezes querem saber como podem aceder ao microcrédito. A grande questão para muitos jovens é conseguirem aceder a 5 mil euros para poderem constituir uma empresa. A nossa posição é de um mero apoio, não queremos participar em capital, nem queremos protagonismo. Estamos aqui como facilitadores de negócios.

### O financiamento continua a ser um grande entrave?

Continua a ser um desafio. Está a melhorar. Mas defendemos alternativas ao financiamento bancário, como "business angels", "private equity", fundos de investimento, capital de risco. No fundo, alternativas mais flexíveis. Devia haver mais capital de risco, seja para start-ups, seja para empresas que já existem, mas que se querem internacionalizar ou aumentar conhecimento. Mas também fundos de investimento que possam intervir em empresas que precisem de ser reestruturadas.

### Em que fase está o projecto da ANJE de criação de uma capital de risco?

Estamos a avançar com passos

muito cautelosos. Não temos ainda datas fechadas, mas seguramente em 2015 será uma realidade. Este é um mercado ainda muito incipiente em Portugal. AANJE deve ter um capital de risco que sirva para apoio a start-ups, a empresas que estejam na fileira exportadora e para a reestruturação. Nestas duas últimas componentes, queremos também acrescentar capacidade de gestão. Temos um conjunto de empresários que têm actuação na órbita da ANJE que têm grande capacidade de gestão e vários estão dispostos a dar o seu contributo.

### Por não haver essa capacidade nas empresas?

Muitas das empresas que têm de ser reestruturadas são empresas que têm dificuldades porque foram mal geridas. E não faz sentido entrar com capital, reestruturar e "zerar" a empresa para depois a gestão ficar entregue às mesmas pessoas que não a conseguiram gerir. Os portugueses ainda se sentem amarrados aos seus negócios e só os vendem em muitos casos quando os negócios têm de ser reestruturados, ou seja, quando estão falidos. Conheço fundos de investimento que me falam nas dificuldades de conseguirem adquirir posições em empresas portuguesas. É uma questão de mentalidade que se muda com o tempo e com persistência. O facto

## A grande questão para muitos jovens é conseguirem aceder a 5 mil euros para poderem constituir uma empresa.

de alguém ter criado uma empresa não significa que essa pessoa seja o melhor gestor para a empresa.

### A criação do banco de fomento vai ter alguma importância ou é irrelevante?

Não sei. Foi um processo feito com alguma opacidade e estamos preocupados com o elenco do banco, se há pessoas que sejam verdadeiramente da economia real, que conheçam os processos de trabalho e as dificuldades de financiamento. Se for uma instituição para funcionar à semelhança do que já existe era preferível poupar-se o dinheiro e não se criar banco de fomento nenhum.

